

DISCURSO DE ENTRONIZAÇÃO
De Sua Eminência Reverendíssima, o Metropolita de
Buenos Aires, Primaz e Exarco da América do Sul, Mons.
Iosif

Catedral Metropolitana, 29 de fevereiro de 2020

*Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: “A quem enviarei, e quem há
de ir por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim.”*
(Isaías 6: 8)

*Eis-me aqui, Senhor, envia-me.
Eis-me aqui, Senhor, faça-se em mim só a Tua vontade;
Só Tua palavra, diga-a eu;
Só Tuas obras, que eu as obre,
E, em mim, de meu antigo ser, nada reste,
A não ser só Teu reflexo e, de Tua voz, o eco.*

Eminentíssimo e Reverendíssimo Legado Patriarcal, Arcebispo da América, D. *Elpidóforo*.

Honorável Secretário Geral do Helenismo da Diáspora, Sr. *Ioannis Chrysoulakis*,

Honorável Ministro de Obras Públicas da Nação, Dr. *Gabriel Katopodis*,

Honoráveis Srs. Deputados da República Helênica, Srs. Demetrio Vagenás, Dionisio Hatzidakis e Maximos Karakopoulos,

S.Ex^a. Demetrio Zabelakis, Embaixador da Grécia em Buenos Aires, conjuntamente com todo honorável corpo diplomático presente,

Eminentíssimos e Excelentíssimos Hierarcas de nossa Igreja Ortodoxa,

Eminentíssimos Hierarcas e representantes das Igrejas orientais irmãs,

S.Em^a. Revm^a, o Bispo de Chascomús e Secretário Geral da C.E.A. Mons. Carlos Malfa,

S.Em^a. Revm^a, Mons. Pedro Torres, Bispo Auxiliar de Córdoba e Presidente da Comissão de Ecumenismo da C.E.A.,

Distintos Arcontes Dignitários da Santa e Grande Igreja de Cristo;
 mui prezados Presidentes das Coletividades Helênicas da América
 do Sul; mui prezados Presidentes de Instituições Helênicas,
 pedagógicas, filantrópicas e culturais desta sacra Jurisdição,
 conjuntamente com todos seus organismos diretivos,
 Reverendos Membros do Clero Arquidiocesano,
 Querida Juventude,
 Filhas e filhos amados no Senhor,

Exórdio

Durante todo este tempo, desde minha eleição até o momento presente, têm-se retumbado em meu coração as palavras de Deus ao Profeta, as quais forjaram minha vocação primeva: *a quem enviarei?* Esta pergunta divina é um prefácio às palavras do mesmo Deus a Seu discípulo: *“Simão, filho de Jonas, tu Me amas mais que a estes?”*¹ A pergunta divina, em si mesma, é um desafio, uma provocação, se assim o quer. Esta pergunta, ouvida na infância e adolescência – e até hoje – nunca me tem deixado indiferente. E é por isso que, em outros tempos, respondi: *“Sim, Senhor, sabes que eu Te amo: envia-me!”* Então, pois, a seguinte a resposta: *“Apascenta Meus cordeiros”*.

E eis aqui que fui enviado. E, primeiramente, fui enviado para escutar, iniciar-me. Fui enviado ao Oriente Médio. E aí toda minha existência foi absorvida por esse desejo de poder dar uma resposta à pergunta divina, visto que ela nunca deixa de ressoar no coração, ao passo que se vai completando a resposta. Para mim, esse primeiro *enviar*, essa primeira reconfiguração existencial, espiritual, pedagógica e cultura se resume num nome: *Fanar!* A *“rainha de todas as cidades”* foi a que me dera à luz neste rumo e foi o *“Primeiro da Ortodoxia”* quem, ao fim, me abriria as portas para passar pelo véu interior e ser um novo levita com o selo de estirpe única, de uma Tradição milenar e inalienável, de uma linhagem sem a qual a Ortodoxia sequer poderia vislumbrar.

¹ João 21: 15.

Eucaristia

É por isso que minha alma, neste momento, se estende necessariamente – dilata-se – desde o sul existencial deste mundo até a *“rainha de todas as cidades”*, onde Bartolomeu, o grande Patriarca Ortodoxo do ainda presente século XXI, mantém martíricamente as *termopilhas* daquela linhagem e tradição. Hoje, esta criação de Deus, que está ante Vossas Senhorias, é cocriação de Bartolomeu, o de Constantinopla, pois foi ele o instrumento que a graça divina elegera para efetuar a mutação daquele jovem, chamado Leandro, no novo levita do Reino, agora chamado Iosif.

Primeiro, Iosif, o diácono; depois, o sacerdote; depois, o de Patara e, hoje, o de Buenos Aires e América do Sul. Enviado primeiramente a Tessalônica, em seguida a Freiburg, em seguida, a Roma e, por último, à Argentina e América do Sul. Em cada *envio*, Bartolomeu, o de Constantinopla, exerceu um papel decisivo. Jamais foi indiferente; pelo contrário, sábio e generoso, em tudo atendeu as iniciativas e problemáticas daquele jovem rapaz que queria – e ainda quer – dar uma resposta à pergunta divina e ao chamado.

Bartolomeu, o de Constantinopla: Bartolomeu, o grande, Bartolomeu, o sábio, Bartolomeu, o inquieto, precursor e pioneiro, que vai na vanguarda de seu tempo, é o gestor último que lhe tem dado – e ainda lhe dá – a oportunidade a este filho obediente seu e colaborador, a poder dar a resposta à pergunta e chamado do Senhor. Por isso, o *“enviar”*; por isso, a *“missão”*; por isso, o *“desafio”*: *Vá e apascenta o Meu rebanho!* Na presença de seu legado e representante e pai espiritual, e na presença de toda a sínaxe hoje reunida, proclamo minha inteira dedicação, obediência e lealdade a sua pessoa e à linhagem e tradição que representa. Uma vez escrevi *“sou um fanariota, não por nascimento, mas por graça”*: e é esta Graça que hoje me institui ante todas Vossas Senhorias como a extensão viva dessa Tradição no cone sul. E, por isso, hoje me constituo em *“vivia eucaristia”*, em agradecimento completo a meu Patriarca e seu Sacrossanto Sínodo, os quais consideraram *enviar* o *“Iosif, indigno”* para tamanha missão.

Sem dúvida, isso nunca teria acontecido sem o surgimento em minha vida de quem hoje vem em seu nome, para instalar-me como

o terceiro Arcebispo metropolitano desta jurisdição. Quem está ao meu lado não é só uma figura eclesialística de calibre e envergadura internacional. Para mim é, acima de tudo, meu pai espiritual, que me gestara neste caminho de contínuos “envios”. Ele, tal como os apóstolos, “*pescou-me*” das terras do Monte Líbano e levou-me até a “*rainha de todas as cidades*”; ele logo conduziu meus passos em cada estação de minha formação; ele me formou na Tradição da linhagem à qual plenamente, hoje, pertenço com absoluta consciência e convicção. Formou meu caráter como verdadeiro *fanariota* e abriu-me as portas, para que eu pudesse aproveitar cada circunstância, a fim de acrescentar-se a meu desejo de responder a essa antiga pergunta. E aqui, hoje, tenho-o ao meu lado, instalando-me como novo pastor desta Sacra Arquidiocese. Mesmo à distância, evidentemente, pode-se tenuamente contemplar o obrar divino em todo circunstancial humano e tudo que se tem a fazer é expressar gratidão e fidelidade a Deus e Seus labutadores. E Elpidóforo – quem traz a esperança –, o Arcebispo de América do Norte, foi o obrador da graça em cada instante deste caminho existencial e missionário. **Eminência:** hoje proclamo publicamente, uma vez mais, ante vossa pessoa e toda a assembleia eucarística, minha plena devoção ao Patriarcado Ecumênico e à pessoa de Sua Santidade, nosso Patriarca, com profunda fé e a promessa de que farei todo o possível para assegurar a criação e manutenção de uma ponte espiritual entre a “*Rainha de todas as cidades*” com a América do Sul, sobretudo com as novas gerações, superando a divisão geográfica entre nós, com a necessária receptividade e formação espiritual e pedagógica, de modo que, assim, se consiga um novo impulso no desejo, já existentes, de nossos reverendos sacerdotes e amados cristãos.

Conforme se passou o tempo, outros instrumentos da graça despontaram e se manifestaram de maneiras infinitas. Nomeá-los aqui e agora seria uma tarefa difícil de realizar. Porém, não quero deixar de nomear, não por protocolo nem mera deontologia, mas na liberdade dos filhos do Altíssimo, a meu irmão, meu amigo íntimo e incondicional, Máximo de Ioanina, que sempre esteve e está; quem me ensinara, na Alemanha, a práxis litúrgica e pastoral; quem me ensina ainda hoje, não com palavras, mas com suas incontáveis

obras que são testemunhos diretos do que os filhos do Altíssimo podem chegar a fazer, quando se reconfiguram a Ele.

Sem dúvida, os primeiros instrumentos desta graça sempre presente, foram meus pais. Minha mãe, que hoje tenho a enorme graça e felicidade de acompanhar-me e honrar-me com sua presença por divina indulgência, tem sido, sem dúvidas, o pilar que tem conservado – e conservará – de pé este único filho, a qual deixou ir-se de seu regaço, não sem uma espada que transpassara seu coração, convertendo-se assim em reflexo da única Mãe, a qual temos por natureza todos nós que levamos o nome de cristãos. Não poderia furtar-me de nomear neste parágrafo à minha mãe, no âmbito da educação e formação teológica, o Prof. Despo Lialiou, que abrija os horizontes de minha jornada acadêmica e espiritual, em cada conselho e exortação.

Muitos instrumentos da graça já se encontram na casa do Pai. Entre eles, o Arcebispo Genádio, de cujas mãos eu tinha recebido a graça do Sacerdócio. Após sua aposentadoria e minha ordenação episcopal, o vínculo com esse hierarca se aprofundou de grande maneira, até sua partida deste mundo. Seus conselhos e visão permanecem intactos em minha alma e mente. Inequivocamente, hoje são mais do que necessários e atuais. E não por coincidência, creio eu, que entre nós hoje se encontre honrando-nos com sua presença o Sr. Ioannis Chrysoulakis, Secretário Geral do Helenismo na Diáspora. Sua presença, neste momento, é mais do que simbólica. Muitas coisas que V. S^a. verá e ouvirá nestes dias, foram e são possíveis graças à visão e obra de seu tio, um homem, em muitos aspectos, adiantado à sua época. Agradeço profundamente sua presença, assim como a dos Honráveis Srs. Deputados da Nação Helênica; sua presença não honra particularmente o Pastor, mas, também, o rebanho, a *Homogeneia*, os gregos e seus descendentes, os quais, há gerações, têm sido acolhidos por este generoso país. Sua presença entre nós honra-nos e, ao mesmo tempo, dá-nos coragem para seguir adiante, sabendo que a Mãe Pátria Grega sempre estará abraçando seus filhos além de suas fronteiras geográficas; porque a Hélada, em toda a extensão de sua tradição espiritual e cultural, não tem verdadeiramente fronteiras que a possam demarcar: sua universalidade é a essência que sustenta de pé a cultura ocidental;

sem ela, estou convencido, não haveria civilização como a conhecemos. ***Distintos Representantes do Governo Grego:*** tenham a certeza de que, a partir de agora, nossa Igreja na América do Sul empreenderá grande esforço para transformar-se num ponto de encontro, diálogo e cooperação entre todas as comunidades gregas e todas as demais organizações e instituições helênicas. A Igreja não é uma organização paralela a outras, mas, sim, devido a sua peculiar natureza espiritual, é o campo mais amplo, profundo e fisiológico, de aproximação, coordenação e unificação do elemento helênico, tal como o demonstra a experiência milenar de nossa Nação. Estou, e estarei, a disposição do Estado Grego para que esta realidade se concretize em práxis: a Igreja não deve ser instituição que trabalhe detrimento de nenhuma outra, mas, pelo contrário, ser um agente ativo e enriquecedor a fim de facilitar a ação entre as diversas comunidades e instituições em cada atividade, em benefício de nossa Nação. Ofereço-lhe humildemente minha sincera disposição, meus anos de experiência no trabalho pastoral na região e minha visão e sonho, que se projeta num caminho em comum, numa associação comum e, sobretudo, numa relação próxima de ajuda e apoio mútuos, rumo ao propósito comum de proteger, promover e enriquecer nossa Nação na América do Sul.

Filho dessa geração de imigrantes e filho deste lugar simbólico é o Sr. Ministro de Obras Públicas, Dr. Gabriel Katopodis, que nos honra com sua presença e dá testemunho dos êxitos dos gregos em todos os estamentos da vida política, religiosa, cultura e científica destas terras. ***Senhor Ministro:*** em nome desta Arquidiocese expressamos-lhe nosso compromisso de colaborar com a liderança política em toda iniciativa desinteressada e a obra do bem comum para com este povo argentino, da qual nossa comunidade eclesial é parte há muitas gerações. Como membros da sociedade cada país que compõe esta Arquidiocese, comprometemo-nos a retirar a Ortodoxia do *provincialismo étnico* e do *gueto religioso* e inseri-la como componente ativo e comprometido de cada sociedade, tornando-a um meio para que todo homem de boa vontade nela encontre a transcendência espiritual e social baseada no bem comum, anunciado por Nosso Mestre, Jesus.

Muitos outros compatriotas têm tido, igualmente, grande sucesso e oferecido e compartilhado do fruto da obra de suas mãos, para que a Igreja e a *Homogeneia* existam hoje nestas latitudes e tenham ainda maiores aspirações e expectativas. Quero agradecer a todos e a cada um daqueles que têm tornado possível este momento com todo tipo de oferta e recurso, tempo e predisposição: arcontes, dignitários, líderes comunitários e as demais instituições educativas, filantrópicas e culturais da área desta jurisdição, fiéis, amigos e próximos.

Nesta gesta, sem espaço para dúvidas, o clero é de importância vital e profunda influência. Agradeço a todos meus irmãos e concelebrantes, vindos de todos os países da jurisdição, para honrar a seu irmão e pai espiritual com sua presença e poder contar com todos e cada um deles nesta obra que abre outra página em sua história. *Queridos Padres*: Aqui está o irmão, mas também o pai, o amigo, mas também o bispo; o solitário Cireneu: todos nós marchamos rumo a Emaús, mas também entramos no deserto, para finalmente encontrar a terra de promessa. Para ali chegar, requer-se esforço, integridade, sacrifício, prudência, disciplina, obediência, humildade, mansidão, paciência infinita, fé e oração irrevocáveis. O sacerdócio não uma simples profissão, mas um chamado divino: não administramos o divino com base de critérios humanos, mas a Graça divina faz-nos instrumentos de Deus, com o critério particular a transcendência no processo de perfeição, porque o único Sumo Sacerdote, Cristo, *veio para servir, e não ser servido*.²

Por fim, agradeço a meu predecessor, Arcebispo Tarásio, aos cujos pés aprendi lições de alcance ilimitado em todas as ordens da vida eclesiástica e recebi de suas mãos – junto com os demais hierarcas – o Dom da ordenação episcopal.

Confissão de Fé

Tanto a “*pergunta*” divina como o “*enviar*” devem ser interpretados dentro do plano da economia divina. Portanto, falamos de um *mistério*. É o próprio mistério de Cristo, que se

² Mt. 20: 28.

estende de cada *enviado*, em cada um que sente aquela voz perguntando, desafiando, que abala as bases da razão e do intelecto e coloca-nos ante a realidade da “*desproporção*”. O mistério de Cristo já revelado aos homens, vale o oximoro, melhor, o paradoxo.

Por isso é que Ele mesmo interroga a Seus Discípulos: “*E vós, quem dizeis que Eu sou?*”³ Necessária é a resposta de Pedro: “*Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo*”. Esse é o fundamento da vocação: a “*confissão de fé*.” Por essa razão que, na presença de todos, hoje proclamo irreversivelmente esta fé primordial tal como Pedro. Essa fé inabalável é a quintessência do “*enviado*,” é a garantia que o “*enviado*” é uma extensão, aqui e agora, de Quem o envia. Sem essa confissão de fé, corre-se o perigo de que o “*enviado*” creia ser ele quem “*envia*,” se ponha no lugar deste e altere irremediavelmente a dinâmica hierárquica e divina da missão. Logo, Cristo vai em primeiro e nós, por trás, O seguimos; primeiro, Seu envio, em seguida o nosso; primeiro, o Seu sacrifício, depois o nosso; primeiro, Sua vitória, depois a nossa: Cristo primeiro, depois e além de tudo!

O Arquétipo Cristo

Essa fé ativa e identificadora é a chave de leitura da pessoa e da missão do Enviado: “*Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.*”⁴

Eis aqui, pois, a quintessência da missão: a identificação plena do “*enviado*” com “*ele que envia*”. Por essa razão que o bispo opere no lugar e acorde com o tipo do próprio Cristo. Por isso, a admoestação do Apóstolo: “*Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e paixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De*

³ Mt. 15: 16.

⁴ Mt. 11: 28 – 30.

*sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo (...)*⁵

Visto que Moisés já recebera a ordem: “*Olhe, farás todas as coisas de acordo com o modelo mostrado no Monte,*”⁶ é que o sacerdócio deverá, não somente ser compreendido como um Dom do Alto, mas como processo espiritual e ascético – operante, claro está –, no qual tanto o “*enviado*” como seus receptores sofrem a “*boa mutação*”, ou seja, a contínua e paulatina cristificação. O exercício do bispo não é senão a experiência da *Imitatio Christi*, em cada pensamento, em cada ação, em cada gesto, que deve revelar essa identificação cadenciada a fim de que seja realmente benéfica.

O Bispo: sua missão. Sua perspectiva

Quem V. S^{as}. têm ante si mesmos, mais que um reflexo do Arquétipo, é uma centelha tétrica que se bate para identificar-se com o mesmo. Contínua batalha o é, uma luta, um exercício que se realiza por meio da própria missão. Vosso novo pastor, vosso novo diácono, vosso novo amigo e irmão nessa liberdade de Cristo, tem a fé férrea e desejo de Pedro, ainda que não deixe de ser uma frágil criatura de Deus.

Muitos de vocês me conhecem, uns mais, outros menos; alguns não me conhecem. Verão, ainda que muitos observem inacessibilidade, saibam que sou, não o que se vê de longe, mas o que se vê de muito perto. Portanto, proximidade é necessária. Não quer, nem posso, ser um bispo isolado numa bolha de religião medieval: quero estar com vocês, porque de vocês eu sai; sou filho deste país, de uma linda província do interior, filho de uma coletividade. *Sou um de vocês!* É por isso que não haverá em nossa relação nenhuma distinção de hierarquia ou ofício: ou somos e fazemos todos juntos a par, sem distinções, ou Cristo desaparece do meio de nós. A distinção é apenas operacional, já que, em nossa Tradição, a hierarquia é, principalmente, uma expressão de amor, não de discriminação.

⁵ Fil. 2: 1 – 7.

⁶ Ex. 25: 40.

Hei de usar as palavras de Felipe a Natanael, quando lhe expressou suas reservas a respeito da ascendência de Jesus: “*Vem e vê*”⁷ Venham e vejam quem é o novo bispo: nada tem a esconder tudo está e sempre estará à vista, pois, quando Cristo mede, nada se pode esconder, tudo está às claras.

Para isso devemos exercitar-nos na liberdade de Cristo, naquela liberdade que apaga as barreiras e retificar preconceitos. Nosso caminho, juntos, é um desafio espiritual: temos que sair dos limites da religião como consequência de nossa herança adâmica e ousarmos cruzar aqueles limites, para cair no abismo de Deus: *abysus abysum invocat*.⁸

Nesta seção, os novos hierarcas devem saber dar as diretivas de sua futura administração. Minhas diretivas são claras e diretas: *Cristo!* A Ele aspiro e aspiro que todos você O conheçam, relacionem-Se com Ele e O amem em profundidade. Meu princípio é Cristo; minha finalidade é Cristo; minha Rocha é Cristo; meu amor é Cristo; minha paixão é Cristo, e quero compartilhá-la desde este lugar com todos vocês.

Convoco a todos, convido a todos: mas irei de casa em casa, como peregrino do Senhor, a buscá-los, a convidá-los, a estabelecer uma relação sincera e pura. Quero compartilhar com todos e, sobretudo, com os jovens o quanto o Senhor é doce, como rica é nossa Tradição, quão profunda a nossa Fé, quão livre é nossa Ortodoxia.

O que não significa que fiquemos na esfera de uma retórica exuberante, própria da solenidade. Evidentemente temos o que fazer, evidentemente que se tem que pôr *as mãos no arado e olhar para frente*⁹ - e para cima - para sermos dignos do Reino. O exercício, a ascese, é ação plena de obras práticas e só se revela na mútua relação entre os membros da Igreja. E nós somos a Igreja: *por fim, devemos aceitá-lo e fazer todo o necessário para que assim se suceda*.

Temos muitos desafios essenciais e orgânicos, assim como estratégicos e práticos: 1) a reconstrução do emblemático edifício,

⁷ João 1: 46.

⁸ Salmo 42: 8

⁹ Lc. 9: 62.

que serviu de residência de meus predecessores; 2) a reorganização da estrutura administrativa, econômica e financeira da Arquidiocese; 3) a tomada da estabilidade econômica, social e previdenciária de nosso clero; 4) a criação de uma catequese ativa para todas as paróquias; 5) o fomento de nossa Tradição por meio de nossos centros educativos; 5) a reconfiguração e reativação do programa missionário; 6) a remodelação de nossas relações com organismos ecumênicos, intercristãos e inter-religiosos em toda área da jurisdição; estas e muitas outras coisas são necessários, o que está claro.

Nosso espírito e mente estão prontos para o desafio, enfrentando cada situação com a prudência devida, sensatez, discernimento e conselho, para assim poder concluir o que se propõe. Tudo que se proporá a realizar será em espírito de diálogo, colaboração e serviço, em plena transparência econômica e financeira; e compreendendo as realidades socioeconômicas e culturais da região na qual vivemos. Prometo fazer todo o necessário de mim e do sagrado clero – dentro de nossas possibilidades e limitações – para que nossa arquidiocese tenha mais aroma *a la igreja*, tal como a conceberam nossos Padres e aprendemos desde o mártir Fanar.

Enfrentaremos os desafios que nos compelem todos juntos, como comunidade de santos, que se dirige rumo a sua perfeição – não mais como mera reunião de adeptos religiosos – compreendendo que todas as coisas a realizarem-se necessitam muito esforço, empenho, infinita paciência, afinco, convicção e, acima de tudo, fé inquebrantável. Começaremos daqui a pouco, com uma ordem de prioridades múltiplas, que nos permitam divisar, pouco a pouco, êxitos, para não desanimarmo-nos, ao propormos obras faraônicas que nunca serão realizadas, sobretudo se estão fundamentadas em nossas próprias possibilidades e não na fé em Cristo.

Nesse processo, rogo-lhes, que passem por alto meus erros e fraquezas, quando ocorrerem; assim como passaram os filhos de Noé os de seu pai.¹⁰ De minha parte serei tudo para vocês, assim como

¹⁰ Gen. 9: 24

descreve o Crisóstomo ao Arquétipo Cristo: *“eu pai, eu irmão, eu noivo, eu lar, eu alimento, eu vestido, e raiz e cimento. Tudo o que queiras, sou-o para ti. A fim de que não tenhas, jamais, necessidade alguma. Eu trabalharei, posto eu vim a servir, não para ser servido; eu serei amigo e estranho, e cabeça, e mãe e irmão. Tudo eu. Só sei próximo a mim. Eu serei pobre por ti; e criminoso por ti; estarei sobre a cruz por ti, no sepulcro por ti, e, ao fim, por sobre ti, alcançarei o Pai e abaixo serei intercessor ante Ele por ti Visto que tu és tudo para mim; irmão e coerdeiro, amigo e membro. O que mais queres?”*¹¹

Para chegar a ser isso, peço intensamente suas orações; peço suas súplicas e intercessões a Deus; peço por sua bem intencionada crítica; seu conselho; sua contribuição; sua desinteressada dedicação; sua franca obediência, sua amizade sincera, sua confiança. E eu serei, então, do modo como descreve o Crisóstomo: *“tudo para todos”*.

Glorificação final

Por último, alço glórias e agradecimento a Deus Unitrino, Pai, Filho e Espírito Santo, o Paráclito de nossa vida, por ter-me abençoado copiosamente durante toda minha vida; glorifico-O por meu passado e por meu presente; glorifico-O pela indulgência ante minhas fraquezas e erros; glorifico-O, porque continuamente me *“envia”* e esses *“envios”* são uma espécie de esvaziamento que destrói meu ego; glorifico-O pela Virgem Maria, Sua Mãe e Mãe de todos nós; pelos Profetas; glorifico-O pelos Apóstolos; glorifico-O pelos Santos e Testemunhas de nossa fé; glorifico-O por Seus preceitos e ensinamentos, e porque *Sua misericórdia me persegue todos os dias de minha vida*¹²; e, por fim, glorifico-O por estar neste

¹¹ ΑΓ. ΙΩΑΝΝΟΥ ΧΡΥΣΟΣΤΟΜΟΥ, Ὁμιλία ΟΣΤ' Εἰς τὸ Κατὰ Ματθαῖον Εὐαγγέλιον, Ε.Π.Ε. τόμος 12ος, σελ. 34: «Ἐγὼ πατήρ, ἐγὼ ἀδελφός, ἐγὼ Νυμφίος, ἐγὼ οἰκία, ἐγὼ τροφεύς, ἐγὼ ἱμάτιον, ἐγὼ ρίζα, ἐγὼ θεμέλιος. Πάν ὅπερ ἂν θέλης ἐγὼ. Μηδενὸς ἐν χρεῖα καταστής. Ἐγὼ δουλεύσω. Ἦλθον γὰρ διακονῆσαι, οὐ διακονηθῆναι. Ἐγὼ καὶ φίλος καὶ ξένος καὶ κεφαλὴ καὶ ἀδελφός καὶ μήτηρ. Πάντα ἐγὼ· μόνον οἰκείως ἔχει πρὸς ἐμέ. Ἐγὼ πένης διὰ σέ, καὶ ἀλήτης διὰ σέ, ἐπὶ τοῦ Σταυροῦ διὰ σέ, ἐπὶ τάφου διὰ σέ, ἄνω ὑπὲρ σοῦ ἐντυγχάνω τῷ Πατρὶ, κάτω ὑπὲρ σοῦ πρεσβευτῆς παραγέγονα παρὰ τοῦ Πατρός. Πάντα μοι σὺ καὶ ἀδελφός καὶ συγκαληρονόμος καὶ φίλος καὶ μέλος. Τί πλέον θέλεις;»

¹² Salmo 23: 6.

dia ante vocês; glorifico-O por ter o dom da presença de todos vocês desde agora e pelo tempo que Ele decida; glorifico-O por ter sua amizade sem hipocrisia e a de muitos outros que se unem espiritualmente neste sacro momento; glorifico-O, porque me tem chamado a servir a est Sacra Arquidiocese, que me fez nascer em Cristo.

Glorifico-O, a Ele, e louvo a Sua Mãe Santíssima, nossa Padroeira e Protetora infalível, pedindo a intercessão de José, seu esposo prometido, do General dos exércitos incorpóreos Miguel Arcanjo, de Jorge, o Grande Mártir Vitorioso, e de Anastásia, a *Farmakolytria*. Amém.